







CRIANÇAS E MULHERES E NÓS-NADA: REFLEXÕES A PARTIR DAS VIDAS EM DESPEJO NO ACAMPAMENTO CAMPO GRANDE DO MST

Reflection on the lives of children and women on evicted from the MT Campo Grande camp

Marcia Aparecida **GOBBI**
Universidade de São Paulo
Faculdade de Educação
Departamento de Metodologia do Ensino e
Educação Comparada
São Paulo, Brasil
mgobbi@usp.br
<http://orcid.org/0000-0001-9850-0190> 

Juliana Diamante **PITO**
Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação
Núcleo de Educação Infantil Paulistinha
São Paulo, Brasil
juliana.pito@unifesp.br
<http://orcid.org/0000-0003-0850-4249> 

Simone Maria Magalhães **MELEÁN**
Setor de Educação Estadual do MST – Movimento dos
Trabalhadores Rurais sem Terra
Faculdade de Educação - USP
São Paulo, Brasil
magalhaessimone1623@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-7141-8349> 

Mais informações da obra no final do artigo 

RESUMO

Este artigo tem como objetivo responder a uma questão: onde e como estão crianças e mulheres e suas vidas em tempos de pandemia da Covid-19 no Brasil. Trata-se de uma questão inegavelmente ampla. Para provocar respostas partimos de reflexões sobre a ação de despejo impetrada contra o acampamento do MST, Quilombo Campo Grande em Minas Gerais ocorrida em agosto de 2020. Emblematicamente essa ação de despejo faz pensar sobre inúmeras histórias de vidas brasileiras em despejo. São crianças e mulheres de acampamentos e periféricas, moradoras de grandes centros urbanos e rurais no país que urgem ser contempladas como objeto de reflexão. Como fonte foram usadas fotografias exibidas em jornais ao longo do período de 13 a 19/08/2020. Observou-se a presença de crianças e mulheres em foco evidenciando cenas dos momentos do despejo autorizado pelo governo do estado de Minas Gerais. Já iniciamos a refletir afirmando que urge olhar nos olhos da tragédia para enxergar as crianças e mulheres nesses tempos de pandemia e depois.

PALAVRAS-CHAVE: Crianças. Infância. Despejo. MST. Fotografia

ABSTRACT

The article Children and women and us-nothing: reflections from the lives in eviction at the MST camp of Campo Grande aims to deal with one issue: where are women and children living and how are their lives during times of Covid-19 pandemic in Brazil. This is undeniably a broad issue. To incite answers, we based our reflections in the eviction order against the MST camp, Quilombo Campo Grande in Minas Gerais, filed in August 2020. Emblematically, this eviction order invites us to think about countless stories of Brazilian

lives in eviction. They are women and children from camps and city outskirts, residents from large urban and rural centers in the country, who urgently need to be contemplated as objects of reflection. The sources are newspapers photographs from August 13th to August 19th of 2020. The presence of women and children was highlighted in scenes that show moments of the eviction, authorized by Minas Gerais state government. Among so many possibilities, we have already started to respond stating the urgency to look deep into the eyes of the tragedy and see these women and children during these times of pandemic and beyond.

KEY-WORDS: Children. Childhood. Eviction. MST. Photography

"Tudo demorando em ser tão ruim"
Caetano Veloso

Tim Ingold (2015, p. 21) escreveu "se você é educado para saber demais sobre as coisas, há o perigo de ver seu próprio conhecimento ao invés das coisas em si". Inspirada por essas palavras, ao andar e desempenhar várias atividades ao longo de boa parte da vida, procuro olhar e explorar todos os cantos possíveis na tentativa de descobrir as coisas em si para além do que já sei sobre elas, acredito, aliás, que este é um excelente exercício para toda a vida.

Dia desses, movida pela necessidade, fui a um mercadinho próximo ao local onde moro. No caminho, nem tão curto, nem tão distante, algo chamou minha atenção trazendo o que não havia visto em outros tempos: duas máscaras cirúrgicas escancaradamente abertas no meio da rua, uma de tecido e outra de TNT. Estavam distanciadas em poucos metros uma da outra, fazendo crer que foram deixadas em momentos diferentes. Essa vista me remeteu a pensar em rastros de um tempo deixados à sua revelia.

O que essa cena indicaria? Ao buscar ir além do que sabia sobre essas "coisas", percebi que as máscaras na rua deflagraram aspectos do momento atual e se desdobraram em imagens e inquietações sobre a história no e do presente. Estávamos numa noticiada pandemia em que o uso de máscaras se fazia necessário e apresentava diferentes compreensões sobre ele dividindo-nos basicamente em dois grupos: aqueles e aquelas que se sentiam no direito de se desfazer deste acessório de proteção aludindo ao ato de libertar-se do jugo de uma pandemia e que negam as comprovações de sua eficácia, e outro grupo que a usava como item protetivo contra a morte avizinhada.

Nesse pequeno trajeto e grande percurso indagativo, principiava a formular um problema que colocava indagações sobre a pandemia de Covid-19 e trazia à tona as relações sociais e aquilo que compreendemos como ato simbólico indiciado pelas máscaras e seus usos. A cena teve o poder de esboçar relações sociais em curso, e o que e quem somos diante disso. Elas traziam informações de um tempo e suas marcas,

produzindo inquietações sobre um momento e as relações que ele enseja para além de reflexões carregadas de percepções pessoais.

Esse encontro inusitado trouxe o registro visual de um processo histórico que engloba um fato: a pandemia, a Covid-19, provocada pelo vírus SARS-COV-2, que solapou e ainda abala tragicamente o mundo. Alegóricas, as máscaras evocaram um emaranhado de sentidos e sentimentos que nos colocou diante do óbvio ululante há décadas, mas ainda não percebido com o rigor e a seriedade que exige: a pandemia escancarou a presença da desigualdade social e do que dela decorre, somada ao racismo, ao feminicídio e à violência doméstica praticada contra mulheres e crianças. Agora, de modo mais evidente, ela é usada como responsável pelo acirramento de atos ainda mais cruéis que passaram a tomar corpo podendo ser vistos a olhos nus.

No Brasil, enquanto escrevemos este artigo, já foram ceifadas 130 mil vidas, e, sabemos, este número aumentará, uma vez que há uma média diária de 1000 vidas perdidas. Por aqui, permanecemos há meses sem ministro da Saúde e somos invadidos por falas proferidas pelo presidente da República, Jair Bolsonaro, que violentam parte da população num amplo leque de impropérios que vão do “isso é uma gripezinha”¹ (24/03/2020), percorrem caminhos que tratam a morte do outro com extrema indiferença ao afirmar e nos perguntar “e daí? Lamento, quer que eu faça o que?”² (01/05/2020), ou ainda, de modo autoritário trazem ameaças e constrangimentos ao trabalho de jornalistas ao afirmar “que vontade de encher sua boca com uma porrada”³ (23/08/2020). Números exatos sobre contagiados ou mortos? Não temos. Projetos consistentes para contornar a atual situação e programas sociais dignos? Não temos. Temos muitos corpos, mais de 100 mil, e sem vida.

Ao nos informarmos sobre os números de vidas perdidas, ressoa aos ouvidos a música “De frente pro crime”, de João Bosco e Aldir Blanc, como a anunciar e fazer pensar que “tá lá o corpo estendido no chão” como componente presente nas vidas de tantas pessoas – e não apenas agora – majoritariamente daquelas moradoras onde “a bala não é de festim”, como nos lembra o rap denominado “Capítulo 4, Versículo 3”, do

¹ Pronunciamento do Senhor Presidente da República, Jair Bolsonaro, em cadeia de rádio e televisão. 24 mar. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/pronunciamentos/pronunciamentos-do-presidente-da-republica/pronunciamento-em-cadeia-de-radio-e-televisao-do-senhor-presidente-da-republica-jair-bolsonaro>. Acesso em: 20 ago. 2020.

² 'E daí? Lamento, quer que eu faça o quê?', diz Bolsonaro sobre recorde de mortos por coronavírus. **Folha de São Paulo**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/04/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-recorde-de-mortos-por-coronavirus.shtml>. Acesso em: 20 ago. 2020.

³ Bolsonaro diz a repórter: 'Minha vontade é encher tua boca com uma porrada'. **UOL**. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/08/23/bolsonaro-diz-a-reporter-vontade-que-tenho-e-encher-sua-boca-de-porrada.htm>. Acesso em: 20 ago. 2020.

Racionais MC's. No Brasil, ao falar "ali está um corpo", pode-se entender "ali está um cadáver" (AZEVEDO, 2020). Retrato de um longo processo de construção social e histórica em que a morte matada foi naturalizada, e não somente pela presença de um vírus. As falas proferidas frequentemente pelo presidente da República, e aqui destacadas entre tantas outras, parecem ter o intento de promover lutas contra o próprio povo a favor do qual deveria governar, instaurando um estilo de governar em que o caos é a ordem. Como escreveu Marcos Nobre (2019), há um método nessa aparente desarrumação. A partir da presença de um vírus não visível a olhos nus, Jair Bolsonaro orienta práticas sociais e disputas entre diferentes interesses e modos de compreender a mesma questão, além de legitimar e alimentar o descumprimento de direitos já conquistados e outros tantos modos de governar para a desigualdade.

Esta situação nos coloca numa névoa que impede a compreensão mais límpida do que está efetivamente acontecendo em diferentes âmbitos. Tempo de anestesia em que, incrédulos, alguns observam atônitos as cenas passadas diante dos olhos, e outros, em atitudes questionáveis, negam os acontecimentos, colaborando com uma produção cultural e política da desinformação, como nos mostra artigo recém publicado pela Agência FAPESP⁴. É esse o pano de fundo que alimenta a escrita desse artigo cuja reflexão teve início com o encontro entre uma pessoa e duas máscaras que conduziram primeiras preocupações com o tempo vivido e seus desdobramentos.

Nosso propósito mais amplo é trazer crianças e mulheres em tempos de pandemia a partir de fotografias e imagens do despejo de famílias no Quilombo Campo Grande, do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), em Minas Gerais, Brasil, e das reflexões que elas produziram em nós. Somos três autoras: Marcia, Juliana e Simone, professoras, pesquisadoras, sendo Simone também militante do MST, o que nos toma numa escrita que busca certo movimento de fora e de dentro, reunindo perspectivas diferentes acerca de um mesmo acontecimento, qual seja, o processo de despejo de moradoras e moradores do acampamento Quilombo Campo Grande, em Minas Gerais, no mês de agosto de 2020. Nosso artigo pretende responder a alguns problemas amplos: onde estão as crianças e as mulheres em tempo de pandemia? O que podemos aprender sobre as condições de crianças e mulheres nesses tempos no Brasil a partir de imagens e outras fontes de informações que mostram vidas em

4. Negacionismo científico: a produção política e cultural de desinformação. <https://agencia.fapesp.br/negacionismo-cientifico-a-producao-politica-e-cultural-de-desinformacao/34028/>

despejo num acampamento do MST? Elas permitem pensar sobre questões atuais e específicas sobre infância e mulheres?

Dentro dos limites de um artigo, sabemos que será impossível abordar temática tão ampla e exigente de atenção, contudo, resolvemos enfrentar essa questão, tendo no despejo de moradores de um assentamento o mote para pensar que essas ações expõem condições históricas de tratamento a determinados grupos sociais no Brasil. As fontes de pesquisa foram fotografias publicadas entre os dias 13 e 19 de agosto 2020 no *Jornal Brasil 247* e no site *Repórter Brasil* e de uma fotografia publicada no site do Instituto Humanitas Unisinos (IHU), período em que houve o despejo e as negociações para sua interrupção, ainda que momentânea.

As cenas televisionadas e fotografadas, se juntadas às máscaras referenciadas aqui, compõem uma miscelânea entre tempos passado e presente. A pandemia está sendo responsabilizada pelo encavalamento de problemas sociais e econômicos, quando ela é apenas o acelerador, não a causa, de uma crise global da sociedade capitalista mundial. No Brasil, se apresenta em faces hediondas e visivelmente organizadas para a manutenção ou acirramento das desigualdades, presentes majoritariamente entre mulheres negras e suas crianças, numa velocidade estonteante de acirramento da violência e da miséria.

Destacamos que o peso desses tempos recebeu mais uma sobrecarga no dia 12 de agosto de 2020. O acampamento do MST Quilombo Campo Grande, situado na cidade mineira de Campo Novo, em meio à pandemia sofreu cruel ação de despejo, fazendo com que muitas pessoas ficassem sem abrigo, além de o poder público destruir com uma retroescavadeira a escola Eduardo Galeano, edificada dentro do acampamento e utilizada por várias das crianças moradoras. Emblematicamente não se destruiu apenas um edifício escolar que funcionava dentro do acampamento, mas o que comporta de relações e histórias de tantas vidas que por lá se constituíam. Foram 6 famílias despejadas e outras 450 ameaçadas de despejo, como notificou em 13/08/2020 a Campanha Despejo Zero⁵, em matéria ao *Jornal Brasil 247*. Há duas décadas moradores e moradoras viviam no terreno que outrora foi a Usina Ariadnópolis, criada em 1908 e falida em 1996. Sem o reconhecimento dos direitos trabalhistas alguns trabalhadores ocuparam as terras como forma de ganharem a vida com seu cultivo. Antes disso, essas terras muitas décadas antes foi o Quilombo Campo Grande, um

⁵ Campanha Despejo Zero: pela vida no campo e na cidade, foi encampada por 40 organizações sociais e divulgada em 23/07/2020.

dos maiores agrupamentos quilombolas do Brasil. Atualmente é considerado um acampamento, pois ainda aguardam a definição do Estado sobre os usos da terra, se o lugar será destinado à reforma agrária, ou não, e a posterior divisão da terra em lotes, e a formação de um assentamento legalizado.

Ao nos perguntarmos sobre o que está acontecendo em tempos de pandemia no Brasil, a proposta de despejo de 2020 é um exemplo bastante noticiado e contundente de algumas das práticas cotidianas às quais a população tem sido submetida, daí afirmarmos que essa situação está interligada a tantos outros processos de remoção e reintegração de posse de terras e edifícios que cotidianamente solapam vidas, dos mais diversos modos. No dia em que ocorreu o despejo do acampamento Quilombo Campo Grande, o estado de Minas Gerais contava com 160.485 casos confirmados de Covid-19 e mais de 3.783 mortes e registrou 170 mortes em 24h na data do despejo, apresentando um recorde no aumento do número diário de mortes. Mas a morte parece ser nada, ela fica discreta, sozinha, também confinada, entre os que não enlutam, também afastada do espaço público, lá está ela, silenciada.

As fotografias são aqui compreendidas como vetores de sentidos sobre o tempo presente, um desdobramento da curiosidade levantada a partir do encontro com as máscaras pelas ruas e sua relação com a Covid-19 e os usos e abusos da pandemia dando força a medidas autoritárias que aprofundam desigualdades sociais. Como afirma Georges Didi-Huberman (2015), nosso principal referencial teórico para pensarmos sobre as fotografias, as imagens estão e fazem falar em relação. Elas não nos dão tantas respostas, ao contrário, levam a contínuos questionamentos e curiosidades. Diante de nossos objetivos, as fotografias serão conhecidas não apenas no convite para observá-las, mas também por pensá-las em relação à autoria, ao contexto de produção e ao período em que foram elaboradas.

O critério para seleção dos periódicos foi a veiculação de fotografias com crianças em situações que entendemos como expressão de participação social em processos de reivindicação pela manutenção da terra em que vivem. Crianças estarem no foco do fotógrafo – em sua autoria e escolhas de cenas – e constarem em publicações em condição de luta expondo uma forma de participação política nos chamou a atenção e o desejo de refletir sobre as imagens e a infância em luta em tempos de pandemia da Covid-19. Destacamos que cenas com crianças e mulheres não ganharam destaque em jornais de grande circulação e ficaram subsumidas nas demais informações mais gerais sobre o despejo.

O coletivo de Comunicação do MST responsabiliza-se pela autoria das fotografias publicadas no *Jornal Brasil 247*, e nas demais vê-se autoria apenas na foto publicada pelo IHU. Esses são periódicos que tendem a mostrar com frequência as ações de movimentos sociais deixando claro suas escolhas políticas e ideológicas. As fotografias permitem-nos conhecer elementos de uma história da infância brasileira e sem-terra, cujas vidas, em tempos de pandemia, são colocadas em despejo e se constituem como suportes fundamentais de representações sociais, negociadas entre seus produtores, aqueles que as veem, e quem as produziu, numa inspiração metodológica de compreensão das imagens forjada nos estudos de Boris Kossoy, (2007, 2009,2012).

A imagem pode eternizar algum tempo, tempo representado, tempos escolhidos por outrem e por nós, para quem a escolha visa marcar um tempo em que a infância se viu em espaço aberto, em período de isolamento físico numa presença imposta pela exigência atual de permanente atenção pela vida digna com a prevalência do direito à terra. Teremos ao final um conjunto de pensamentos exploratórios que esperamos que possa contribuir com reflexões futuras sobre temáticas similares. Vale sublinhar que isso se faz diferentemente em cada uma de nós autoras do artigo e suas leitoras ou seus leitores em uma articulação envolvendo nossas histórias pessoais, nossa capacidade de interpretação e nossas inúmeras experiências.

Em ***Nós-nada: vidas em despejo, as crianças no Quilombo Campo Grande***, buscamos relacionar acontecimentos que têm nos acometido nos últimos meses do chamado “tempos de pandemia” ao despejo de famílias produtoras de café em luta pela terra, no Quilombo Campo Grande, destacando as crianças. A partir das imagens, consideramos algumas formas infantis de participação no movimento social, o uso do espaço aberto como expressão de suas manifestações e a luta pela permanência na terra. Não ignoramos a exigência de análises mais aprofundadas derivadas ou não da pandemia, contudo, levantamos algumas questões objetivando a continuidade de pensamentos e outras reflexões.

A segunda parte desse artigo intitula-se ***Nós-nada: vidas em despejo, as mulheres, as sobrecargas e a capacidade desejante de transformar o mundo***. Num contexto pandêmico em que tudo afirma o recrudescimento da desigualdade e da miséria, além de questões subjacentes, nossos pensamentos voltam-se para as mulheres a partir de observações de matérias escritas e imagéticas divulgadas em jornais e redes sociais no período compreendido entre março e agosto de 2020 e que tratam das mulheres na luta por terra e suas implicações em processos de remoção.

Finalizamos nosso artigo com ***É preciso "olhar nos olhos da tragédia e fazer com que ela seja dominada"***⁶: ***algumas conclusões***. Nesta última parte, traremos considerações possíveis relacionando as crianças e as mulheres nesse presente-passado-futuro sobrepostos. Estamos vivendo uma tragédia que grita na urgência de ser olhada nos olhos, encarada, sob pena de que se nos isentarmos dessa tarefa o "normal" seja uma catástrofe naturalizada.

NÓS-NADA: VIDAS EM DESPEJO, AS CRIANÇAS NO QUILOMBO CAMPO GRANDE

As crianças estão expostas. Desta afirmação podemos inferir que elas estão mais presentes em nossas vidas. Suas imagens passaram a ser veiculadas frequentemente em jornais, telejornais e revistas, e, diante de nossos olhos, instigam vistas. A Convenção sobre os Direitos das Crianças, adotada pela Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) em 20 de novembro de 1989, entrou em vigor em 2 de setembro de 1990, completando 30 anos. É fundamental e um marco concernente aos direitos das crianças redundando em bons resultados às suas vidas em quase duzentos países e com o Brasil, podemos supor, isso não seria diferente, afinal, ela foi ratificada em setembro de 1990. E, além disso, aprovou-se, no mesmo ano, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) que trata e afirma a proteção integral de crianças e adolescentes no Brasil, o que também pode ser visto como divisor de águas quando refletimos sobre formas de tratamento dispensadas à infância antes e depois do ECA.

Seria muito bom que a proposição inicialmente apresentada correspondesse ao fato de que atualmente as crianças estão mais presentes entre nós com seus direitos considerados efetivamente. Quem sabe, sendo a medida para pensarmos sobre as cidades, sobre a educação e sobre o direito à vida. Ainda que consideremos todos os avanços legais, observa-se inúmeros descumprimentos aos direitos das crianças, das mães, mulheres e famílias em suas distintas composições⁷.

Vidas de crianças são subtraídas diariamente diante de nossos olhos e de diferentes maneiras: elas têm nomes e endereços, sonhos e vidas, como tantas outras. As chamadas balas perdidas são encontradas em alguns corpos majoritariamente de crianças negras e pobres; violência sexual contra crianças desde muito pouca idade

⁶ Dramaturgo Vianinha como era conhecido Oduvaldo Vianna Filho, em entrevista (PEIXOTO, 1983).

⁷ Ainda que o objeto de reflexão deste artigo não sejam as famílias, ressaltamos que utilizamos tal expressão considerando suas possíveis e diversas composições.

e/ou acompanhadas das vistas por elas e acometidas contra suas mães; despejos e remoções de casas em que famílias inteiras ficam à deriva.

Vivemos uma espécie de anestesia, uma preocupante pasmaceira nacional que, para nós, evidencia grande descaso com a infância e que as crianças também são alvo de um projeto que tomou seu corpo no Brasil naturalizando o poder de matar das mais diferentes formas, evidenciando a lógica capitalista que cotidianamente cria e recria seus tiranos e suas vítimas, essas últimas, invariavelmente, pertencentes às mesmas origens. Estamos servindo, desde os bebês, a um experimento trágico do neoliberalismo, deste modo, na suposta pausa, o que há são ágeis movimentos que nos encaminham para o fim, talvez numa perspectiva denominada por Vladimir Safatle (2020) como estado suicidário.

Onde estão as crianças nesses tempos de pandemia?

As crianças mais pobres, sabidamente, não têm acesso à internet⁸ para desenvolver suas atividades escolares, são as mais afetadas pela perda de emprego e renda de seus familiares, estão mais expostas à violência doméstica e situam-se numa fratura da vida secularmente descartada. Algumas propostas visam diminuir-las, ou torná-las menos cruéis.

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), em Nota Técnica publicada em março de 2020, apresenta propostas e projeções de diferentes cenários que visam discutir a pandemia da pobreza no Brasil a partir do Programa Bolsa Família e do Cadastro Único das famílias como forma de minimizar o caos, o que, reconhecemos, poderia contribuir positivamente com as condições de vida das crianças⁹. Entende-se que tais benefícios deveriam ser estendidos por longo período avançando a pandemia,

⁸ A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Tecnologia da Informação e Comunicação (Pnad Contínua TIC) 2018, divulgada hoje (29/04) pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostra que uma em cada quatro pessoas no Brasil não tem acesso à internet. Em números totais, isso representa cerca de 46 milhões de brasileiros que não acessam a rede. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-04/um-em-cada-quatro-brasileiros-nao-tem-acesso-internet>.

⁹ Lembramos aqui que são consideradas como famílias extremamente pobres aquelas que têm renda mensal de até R\$ 89,00 por pessoa. As famílias pobres são aquelas que têm renda mensal entre R\$ 89,01 e R\$ 178,00 por pessoa. As famílias pobres participam do Programa Bolsa Família (PBF), desde que tenham em sua composição gestantes e crianças ou adolescentes entre 0 e 17 anos. Estas famílias, já cadastradas no PBF, recebem o auxílio emergencial durante a pandemia. Vale informar que esse projeto não foi bem acolhido pelo atual presidente da República, inicialmente rechaçado por ele, mas atualmente converteu-se em dividendos positivos para sua fatura visando projeto eleitoral.

considerando os índices de desemprego e de desocupação já projetados o que exige rigorosa proteção social¹⁰.

Quanto às crianças, desde bebês, fica evidente a ausência do Estado assegurando-lhes o bem-estar social, como poderemos ver em imagens, noticiários ou ao caminharmos por diferentes cidades. Ao sairmos as ruas mais recentemente, com todos os cuidados necessários, não são apenas máscaras que vemos pelas ruas a descortinar realidades, mas pessoas de todas as idades, desde bebês e famílias inteiras, expondo nas calçadas, suas vidas desvalidas. A ausência se faz presente nos despejos, ao empurrar a todas e todos para as ruas que abrigam atualmente muitas centenas de famílias em diferentes regiões. Podemos supor, a partir das palavras de Gaitan Muñoz (2020, p. 93) ao examinar proposições de Nanci Fraser, que tais ações implicam uma dupla injustiça, neste caso, encavalada: a injustiça de ordem econômica (que está enraizada na estrutura econômico-política da sociedade) e a injustiça de origem cultural ou simbólica (enraizada em modelos sociais de representação, interpretação e comunicação). A pausa gerada pela pandemia, em que muitos de nós poderiam afirmar certo conforto quanto à possibilidade de o mundo andar mais vagarosamente, não implicou pausar movimentos de exclusão e espoliação que geram o aprofundamento das desigualdades e injustiças.

Retornamos à pergunta orientadora deste artigo, afinal, onde e como estão as crianças na pandemia de Covid-19? Essa que é uma preocupação de muitos pode ser respondida de diferentes maneiras e considerando variadas fontes, e mais, levando em conta as origens sociais, étnicas, culturais de cada uma delas. Como já afirmamos, a fotografia é uma dessas fontes que não poderão responder diretamente a essa questão, mas traz pistas importantes.

A fotografia não expõe as crianças, antes, ela nos expõe num ato cúmplice de quem a olha e vasculha nas entre-vistas, cria e recompõe imagens internas sobre o ato de despejo que nos despeja da vida, de uma vida em que nos tornamos alheios ao outro. Isto é, as fotografias nos colocam questões, sobretudo quando buscamos encontrar a justa distância entre vê-las e ficarmos curiosas por seu conteúdo e tomá-las como objeto do pensamento e de reflexões sobre o lugar que as crianças ocupam nelas. Ao nos interpelar, exigem que as olhemos e nesse ato passamos a construir compreensões sobre o visto. Diante delas nos tornamos testemunhas dos atos

¹⁰ O IBGE apoiando o combate à COVID traz dados atualizados sobre a pandemia. Disponível em: <https://covid19.ibge.gov.br/pnad-covid/>.

impetrados contra as crianças e suas famílias. Residem ensinamentos nessas imagens? Se há aprendizados, é possível afirmar a existência de transformações nos modos vigentes de organização social a partir e com as crianças?

Foto 1. Quilombo Campo Grande.



Fonte: *Jornal Brasil 247*, divulgação MST.

As máscaras voltam. Agora são usadas por meninas e meninos que, com elas, vão às ruas do acampamento Quilombo Campo Grande. Elas transformam o espaço aberto – onde se respira mais livremente – em lugar de ato político que o marca em reivindicações escritas sobre cartazes que são produtos de elaborações estéticas similares àquelas usadas em escolas, inclusive as mãos que carimbam o cartaz visível em segundo plano com os dizeres “despejo não”. As crianças dão visibilidade às reivindicações, mas, certamente, não somente por isso estão ocupando esse espaço.

É possível compreendê-las também como coparticipes em processos que reivindicam direitos sociais e políticos, o que corrobora para questionarmos práticas adultocêntricas já cristalizadas nos modos hierarquizados como lidamos com as crianças, silenciando-as em suas reivindicações. Essas práticas importam por provocar que se pense sobre aprendizados de participação entre e com as crianças em movimentos sociais. Trata-se de algo fundamental, pois contraria pensamentos ainda vigentes que excluem das crianças, em especial, daquelas bem pequenas, o aprendizado político, bem como a legitimidade de suas opiniões e orientações numa conquista de certa paridade política.

As fotografias com as crianças parecem contribuir para romper o estado de apatia com o qual atravessamos essa pandemia, ainda que haja tanto por fazer. Parecem

posicionar-se criticamente diante de um destino inelutável. Elas estão numa ação-levante, possivelmente pensada coletivamente, não apenas pelas crianças, mas com as adultas e os adultos que visivelmente estão lá. Não se trata, em hipótese alguma, de romantizar a infância, contrário a isso, trata-se de refletir sobre certo apagamento das crianças como força propulsora de movimentos, mas que implicam sua existência a formas de compor, entre outras coisas, as lutas diárias por justiça.

As crianças na primeira fila olham para as câmeras que os fotografam, o que indica não ser exatamente uma surpresa para elas, contudo, o ato em si inspira dignidade na tentativa de expor, em cartazes, alguns de seus desejos e direitos. Há um elemento curioso na foto 1: dois automóveis, já nem tão novos e empoeirados com a terra na qual o grupo objetiva permanecer, encontram-se limitando o espaço – um confinamento entre tantos? Ou, talvez, uma forma de proteger as crianças limitando a entrada de outros automóveis, inclusive da polícia e que poderiam comprometer a segurança das crianças.

Voltando às crianças, elas apresentam movimentos dentro de um movimento social, em que elas e o gesto de segurar cartazes e suas reivindicações revelam poder afetar aspectos da história de opressão e descaso em que se encontraram ao longo de anos. Quem sabe, havendo possibilidades de maior inserção em campo junto às crianças não aprenderíamos com elas sobre alternativas às práticas sociais e políticas vigentes?

As pesquisas realizadas por Edna Rossetto (2009; 2016) já nos informam sobre as “Cirandas Infantis” como prática política criada pelo MST, na qual as crianças Sem Terrinha aprendem e apreendem o movimento de luta pela terra, e como construir formas de participação dentro dele. Nas palavras de Rossetto, sem deixar de ser crianças. Consideramos que há o reconhecimento pela produção de conhecimentos pelas crianças e que se dá, cotidianamente, também na lida. Não ignoramos que há muito a conquistar, contudo, consideramos um grande passo no sentido do reconhecimento das crianças, suas capacidades e seus agenciamentos possíveis.

Ao observar insistentemente as imagens, pensamos inspiradas nas perguntas feitas por Harvey (2020): como queremos sair dessa crise? Como podemos nos comportar diante de tantos atos indizíveis? Basta anunciar os milhões e milhões de desempregados, mortos, violentados existentes em nosso país e no mundo? Ou, ainda com Harvey, perguntamos se não seria o momento de afirmar ações que se proponham a tratar da existência de lugares onde comer e morar dignamente, suspendendo os despejos de forma a que todos possam ter onde morar sem pagar aluguéis

escorchantes. Não seria o momento de pensar e propor efetivamente uma outra sociedade? Acreditamos que as crianças seriam boas interlocutoras.

Foto 2. Quilombo Campo Grande.



Fonte: *Jornal Brasil 247*, divulgação MST.

As imagens aqui dispostas formam um encadeamento de ações que podem nos permitir encontrar, não a todas as crianças, mas uma boa mostra delas. A aparência das fotografias nos traz as crianças, num momento específico da luta pela terra e contra o despejo em plena pandemia, mas as fotos nos levaram a perseguir a ocultação de algumas intenções do despejo que parecem fazer parte de um, entre tantos, experimentos em curso, contra o ser humano. As crianças estão no meio deste experimento como se fossem sobras, a depender da classe social, se são meninas ou meninos, negras ou brancas, são tornadas pequenas coisas, esse outro transformado em coisa que, como bem servível, pode fazer o capitalismo girar e se manter. Sublinhamos que as crianças não estão fora deste que é um projeto político e de sociedade.

Ailton Krenak (2020, p. 12), em seu recente livro, afirmou que é como se os homens tivessem elegido uma casta, a humanidade, e todos que estão fora dela são a sub-humanidade e que a largamos deliberadamente à margem do caminho, somos sobras, são sobras. Novamente as máscaras, e semelhantes àquelas que via pelo caminho tempos atrás, voltam à cena, indícios de um tempo e de comportamentos que se movem para vários lugares e em diferentes formas. Em meio à pandemia, o despejo de vidas se faz constante, dentre estas as das crianças e não quaisquer delas, entendemos que é como se elas compusessem a sub-humanidade dispensável, descrita por Krenak.

Podemos afirmar que essas crianças, bem como suas mães e seus familiares fazem parte de grupos aos quais o capitalismo designou a quem matar e a quem despejar, cujas vidas podem ser removidas, ou serem objeto de descarte. As crianças estão nos mostrando certa ruptura com a naturalização de que alguns podem matar e a outros resta morrer, ou reencenam momentos vistos em diferentes atos ao longo de séculos no Brasil? Não se trata de anacronismo, mas de pensar que nas transformações existem permanências e essas agruras insistem em se fazer constantes.

A fotografia aqui exposta nos interpela como num cerco feito pelas crianças. A quem elas cercam? Quantos e tão fortes pedidos elas nos trazem, não apenas em seus cartazes, mas em seus corpos? Acreditamos que se apresentam como enunciado de uma possível outra forma de vida esboçada em imagem pelas crianças e mulheres coletivamente. As fotografias seriam vetores da enunciação de que o que está ou estava à margem movimenta-se. E perguntamos: o que pode acontecer quando a margem se move? E quando quem está à margem são as crianças?

Foto 3. Crianças retiram os materiais pedagógicos da Escola Eduardo Galeano



Fonte: Cassio Diniz (2020), IHU.

A distinção entre humanos e objetos está turva, declarou recentemente Achille Mbembe (2020). Ao observar esse menino a retirar os materiais pedagógicos da Escola Eduardo Galeano, que foi destruída com uma retroescavadeira durante ação da Polícia Militar no acampamento Quilombo Campo Grande, pensamos: ergue-se um gesto, uma forma corporal, que desturvaria, pelo menos embrionariamente, essa coisificação do humano. Sobre os gestos, Didi-Huberman escreveu que sem

[...] dúvida alguma, são forças que nos sublevam, mas são formas que, antropológicamente falando, tornam perceptíveis, veiculam, orientam, implementam os levantes, tornando-os plásticos ou resistentes de acordo com as circunstâncias (DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 301).

Não dominamos os gestos completamente, eles são transmitidos, transformam-se com o tempo e apesar de nós, encontram-se também nesse gesto de criança, de menino que empurra o pneu como reparação de um ato do qual ele só participa como reparador, talvez de si mesmo.

Se os gestos estão inscritos na história (DIDI-HUBERMAN, 2015b), provocamos a pensar sobre os tantos gestos produzidos por meninas e meninos que podem veicular formas participativas na infância, e desta, particularmente que gira o mundo contra um destino inelutável e apresenta possibilidades de mudança, numa imagem de luta social da qual participam, não somente o menino ao empurrar o pneu, mas várias outras crianças. O relógio no pulso esquerdo deve indicar a hora do acontecimento, e o olho nos indaga sobre ele, conversa conosco e nos convoca a estar com eles, ao mesmo tempo que nos angustia como se nos abordasse ou intimasse de algum modo. Que tempo é esse no registro objetivo do relógio e que aponta para tantos outros tempos de criança? Ele que é e não é ao mesmo tempo e “que despedaça as flores mais coloridas em mil fragmentos”, como na canção, Tempo sem Tempo, de José Miguel Wisnik. Para Didi-Huberman, o

[...] tempo da revolta seria, então, o tempo de um presente desejanste, de um presente desejado, movendo-se em direção ao futuro pelo próprio gesto de produzir uma mudança: um presente que contesta a si mesmo pela potência do desejo que lhe escapa (DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 319).

O que escapa a esse menino e que é recolhido? O que tem escapado às crianças, sido tirado delas e não somente nesse tempo de pandemia, mas que recrudesceram apresentando-se num rasgo enorme que fingimos não ver, e nós-nada? O futuro desse menino, cujo nome desconhecemos, parece ter sido transformado no agora, pois é agora que a escola deve ser reconstruída e também por suas mãos, é agora que as famílias têm que ser restituídas às suas casas e ter posse delas diante de um dono de terras que se ausenta do cumprimento da função social da propriedade. É tarefa difícil assumir o destino, mas nessa roda que gira e no olho que nos olha, parece fazer isso, ainda que, num instante, insubmisso a um destino e submisso a uma vontade construída em seu grupo.

Como afirmou o dramaturgo Vianinha (PEIXOTO, 1983), é preciso “olhar no olho da tragédia”, o que para nós deveria ser um enfrentamento inadiável, repetido como

mantra diário. São muitos vírus a combater, e o menino com o pneu parece instigar a ocupação de brechas no combate às medidas repressivas que visam interromper qualquer um de seus levantes e o mostra como possível nesse instante. A imagem, contudo, leva-nos a outra compreensão – e a tantas outras quanto ela pode produzir. O garoto ao empurrar o pneu parece recuperar certa compreensão da brincadeira na infância, como direito, como manifestação humana e se descarrega do fardo da luta, como poderíamos supor, desfrutando da possibilidade de um instante de leveza, fazendo simultaneamente do pneu expressão de reconstrução de um local destruído, o objeto de prazer como numa brincadeira, em tempos de urgências pelo direito à vida.

Peões e cavalos: o xadrez do despejo

Foto 4. Policiais cumprem ação de despejo no Quilombo Campo Grande.



Fonte: Daniel Camargos (2020), *Repórter Brasil*.

O que nos informa esse aparente jogo de xadrez captado pelo fotógrafo? Os movimentos dessas peças vivas levam a pensar numa prática política em que a intervenção parece performática, ao mesmo tempo que a presença dos policiais faz sentir que o passado não passa, e tudo demora em ser tão ruim, como diria a canção de Caetano Veloso posta na epígrafe deste artigo. Quem é o vírus de quem?

Ao transpor a cena do tabuleiro àquela do despejo no Quilombo Campo Grande, perguntamo-nos sobre quem ocupa o lugar de quem nesse tabuleiro vivo com campos e projetos em disputa. Os movimentos das peças/homens/pessoas/vidas nos levam a pensar que ambos os lados serão destruídos apesar do maior aparelhamento de um

deles. É como se os grupos fossem nada ou ninguém, que podem morrer, embora um dos grupos afirme-se como apto ao enfrentamento armado, até a morte. Os corpos, tal como estão, parecem fronteiras intransponíveis carregadas de sentidos próprios. As máscaras usadas não indicam somente a proteção contra um vírus letal, como também o reforço de um grupo que vai ao confronto ou expressando uma luta contra seu próprio povo. Sabemos que são formados em práticas de controle e extermínio daqueles que discordam das ordens vigentes, não são quaisquer cavalos ou peões, como num jogo convencional de xadrez. Suas intenções divergentes os colocaram, em confronto, num mesmo tabuleiro.

Porém, gostaríamos de inferir que, dentro de um projeto maior, em que somos vistos como aqueles que “pulam no esgoto e não acontece nada”, como afirmou o presidente da República em 26/03/2020 referindo-se aos brasileiros em relação às contaminações na pandemia, encontram-se forças em levantes, dos quais muitos agem em conexão. A cor vermelha nas camisetas usadas por homens que se encontram ao lado esquerdo da imagem, o que não parece um acaso, pode ser compreendida como elemento político e estético conferindo à imagem certa forma em movimento, ainda que parada, à espera das ações do outro, como num jogo em que os passos são milimetricamente pensados. Não são identificadas crianças nessa foto 4, mas um jogo político em que a ausência das crianças implica sua presença de outros modos, ocultadas, mas receptoras, ora direta, ora indiretamente, destas ações.

NÓS-NADA: VIDAS EM DESPEJO, AS MULHERES, AS SOBRECARGAS E A CAPACIDADE DESEJANTE DE TRANSFORMAR O MUNDO

Gaitan Muñoz (2020, p. 106), afirmou que considerar as relações entre crianças e mulheres é “central para qualquer projeto que procure desafiar as injustiças enfrentadas por cada grupo”. Onde estão as mulheres em tempos de pandemia? Desde março de 2020, momento em que nosso país foi acometido pela pandemia causada pela Covid-19, temos reunido registros divulgados em jornais e redes sociais que tratam de questões relacionadas às mulheres¹¹. De forma geral, são produções que correlacionam a vida das mulheres à sobrecarga do trabalho, à responsabilização sobre os cuidados da família, ao aumento dos casos de violência doméstica e ao feminicídio, que

¹¹ Destacamos as reportagens: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/05/home-office-na-pandemia-amplia-desequilibrio-de-genero-na-justica.shtml>; <https://www.ufpb.br/ufpb/contents/noticias/pandemia-da-covid-19-afeta-mais-as-mulheres-afirmam-pesquisadoras-da-ufpb>; e os relatórios: Mulheres na pandemia, disponível em <http://mulheresnapandemia.sof.org.br/> e Relatório ONU Mulheres: <http://www.onumulheres.org.br/covid-19>. Acesso em 30 ago. 2020

obviamente, em uma sociedade tão diversa e desigual quanto a nossa, manifestam-se em variabilidades de experiências, entrecruzadas às diferenças de raça, classe social e território, de forma que o “ficar em casa” para umas não corresponde ao “ficar em casa” para tantas outras. Como já mencionado, mas vale lembrar, inclusive para aquelas que perdem suas casas, como no caso do despejo no Quilombo Campo Grande, ou que perdem suas vidas, por morarem com seus algozes.

Mulheres à frente da tropa

“Ouçam os gritos das ruas
Peito à mostra, vozes agudas
Ouçam as bombas que caem no solo
Tremem os corpos das crianças de colo
Mulheres à frente da tropa”
Edgar Scandurra

A luta de agosto de 2020 não é recente, tem rastros, e um de seus desdobramentos mais cruéis ocorreu recentemente em meio à pandemia da Covid-19. “Todos falam que devemos ficar dentro de casa durante a pandemia, mas eu fiquei sem casa”, lamenta Crislaine, mãe de duas crianças e moradora do lote despejado, ao jornalista do *Repórter Brasil*¹², em matéria publicada em 13/08/2020.

Muitas são as cenas em que vemos homens, aparentando diferentes idades, e mulheres caminhando juntos e juntas, mas elas caminham à frente, um “passo à frente”, ousaríamos afirmar. O que orienta esse caminhar à frente? Seguramente, muitas são as motivações, contudo, é fundamental reconhecer que ao sofrerem diretamente as consequências e impulsionadas pela necessidade de diferentes ordens, muitas mulheres têm criado outras formas de existência, dando um “passo à frente” (FEDERICI, 2020). Silvia Federici considera que nos

[...] momentos de crise aguda, quando os mecanismos constitutivos da economia política capitalista colapsaram, as mulheres deram um passo à frente e, por meio de seus esforços coletivos, garantiram as formas básicas de reprodução social e romperam a barreira do medo que aprisionou suas comunidades. Quando a crise política e econômica “se normaliza”, a economia alternativa que as mulheres criaram é muitas vezes desmantelada lentamente, mas nunca sem deixar para trás novas formas de organização comunitária e um sentido mais amplo de possibilidades (FEDERICI, 2020, p. 10).

¹² Em meio à pandemia, sem-terra são despejados e têm escola destruída em MG. **Repórter Brasil**. Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2020/08/em-meio-a-pandemia-sem-terra-sao-despejados-e-tem-escola-destruida-em-mg/>.

Federici (2020, p. 3) afirma que as mulheres, ao serem as principais protagonistas desse processo e “darem um passo à frente”, criam formas cooperativas de existência, desafiando as forças do capitalismo e do patriarcado; formas mais autônomas de reprodução social, refazendo tramas comunitárias e, assim, desempenhando papéis centrais nas lutas, canalizando o poder das relações afetivas na produção da solidariedade.

“A luta foi feita com amor, com as crianças, com a família. Foi bonito”, avalia Tuíra Tule, da coordenação do Quilombo Campo Grande, do MST, em depoimento ao repórter Wallace Oliveira, do *Brasil de Fato Minas Gerais*, publicado em 18/08/2020¹³. Mais do que listar tantas violências sofridas e ampliadas nesses tempos de pandemia, é necessário, conforme destaca Verônica Gago (2020, p. 72), “rastrear os modos de conexão”, isto é, reconhecer que há inter-relação entre as violências sob as quais estamos submetidas, em diferentes ordens, com as perdas de direitos trabalhistas no Brasil nos últimos anos, com as diferenças salariais entre homens e mulheres, com o trabalho doméstico explorado e invisibilizado, com a espoliação e o saqueio de terras, em diferentes regiões, no campo e na cidade e outras usurpadas para a atuação do agronegócio.

O reconhecimento destas conexões implica pensar sobre a urgência das fomes produzidas e existentes entre mulheres e crianças e que se espraiam em formas e conteúdos distintos. Considerando as reflexões de Gago (2020), afirmamos que há uma força constituinte nesses movimentos de mulheres e com elas, que ameaça ordens vigentes. Juntamos as crianças a esse debate pois, segundo nossas compreensões, também portam e traduzem, a seu modo, as forças que constituem os movimentos e nos impulsionam às reflexões conjuntas sobre justiça social em que as crianças podem e fazem parte ativamente. Resta-nos conhecer mais de perto suas formas, seus anseios e expectativas a partir do que orientar nossas maneiras e experiências pelo mundo de maneira não calcada somente no adulto ou na adulta, mas juntos.

¹³ Despejo do Quilombo Campo Grande é o mais longo do séc. XXI e marca as lutas sociais. **Brasil de Fato MG**. Disponível em: <https://www.brasildefatomg.com.br/2020/08/18/despejo-do-quilombo-campo-grande-e-o-mais-longo-do-sec-xxi-e-marca-as-lutas-sociais>.

Foto 6. Moradores do acampamento protestam contra o despejo.



Fonte: Daniel Camargos (2020), *Repórter Brasil*.

No primeiro plano, lado a lado, estão as crianças, que formam uma linha de frente, acompanhada, em um segundo plano, das mulheres, dentre elas, uma que segura um/uma bebê nos braços. As máscaras, desta vez, marcam um tempo presente e recente, de uma luta protagonizada por mulheres, de mãos dadas às crianças, conforme também enfatizou Tuíra.

Ressaltando a presença das mulheres, afirmamos, mais uma vez com base em Gago (2020, p. 92), que é fundamental reconhecer que esse protagonismo é fruto da luta pela própria sobrevivência e uma construção bastante recente, que cruza o limite da posição de vítimas e excluídas, andaime da lógica colonial da salvação, que muitas vezes impede o lugar e a voz de quem exatamente está imerso nessa situação, para o que a autora chama de “potência feminista”, que quer dizer que “experimentamos uma força concreta que desloca e modifica os limites do que acreditamos que podemos e somos capazes de fazer, de transformar, de desejar” (GAGO, 2020, p. 291).

Ainda que reconheçamos a condição histórica de exploração e violência a que somos submetidas e o cansaço dos nossos corpos sobrecarregados, é necessário também reconhecer o movimento insurgente das mulheres, que Gago (2020) chama de capacidade desejante de mudar o mundo. Assim, cabe reconhecer que esse movimento não ocorre nos limites dos âmbitos privados e individuais. Ao contrário, tal como ressalta Federici (2020), é no ato de se unirem, rejeitarem o isolamento, a segregação e o individualismo impostos pelo capital, de forma que o trabalho de reprodução da vida deixe de ser atividade puramente doméstica e individual, adquirindo dimensões políticas e comunitárias.

Num esboço da capacidade desejante de mudar o mundo, nos primeiros dias de março deste ano, antes da pandemia da Covid-19 se instalar no país, o MST reuniu, em Brasília, 3.500 mulheres oriundas de 24 estados para o seu I Encontro Nacional das mulheres Sem Terra. Parte da Jornada Nacional de Lutas das Mulheres Sem Terra, o

encontro fez ecoar as vozes dessas trabalhadoras que labutam cotidianamente nos seus espaços contra as consequências das políticas neoliberais e ultraconservadoras do governo atual, o qual elas denominam de “governo de morte” no Manifesto das Mulheres Sem Terra:

O governo Bolsonaro é um serviçal do capital e do Imperialismo norte americano. Ele entrega nossas riquezas, destrói a natureza, atenta contra a Soberania Nacional e Popular, retira direitos trabalhistas, previdenciários e comanda uma máquina de guerra e extermínio dos ricos contra os pobres, sobretudo as negras e os negros, a juventude, LGBTs e mulheres (MST, 2020).

Ao mesmo tempo que faziam a denúncia contra as políticas neoliberais operadas pelo atual governo, o I Encontro Nacional das mulheres Sem Terra se constituía em espaço público para que as mulheres pudessem anunciar e renovar seus sonhos e se reconhecer como uma força que coloca a luta de classes em movimento real. Este espaço faz ferver a luta dessas mulheres que buscam

[...] decidir o presente e arrancar das entranhas do futuro, a alegria da realização dos seus sonhos. Não sonhamos pouco! Pisamos ligeiro e seguimos em marcha, determinadas pela construção de uma sociedade socialista e um mundo que não nos mate e aprenda a nos respeitar (MST, 2020).

Durante o I Encontro Nacional das Mulheres Sem Terra, ocorreu a Mostra de Produtos da Reforma Agrária, um espaço no qual as mulheres puderam apresentar os produtos de seu trabalho, tais como “alimentos, artesanatos, doces, tinturas feitas a partir de ervas medicinais, cosméticos naturais, conservas, licores, calçados e roupas de confecção própria”¹⁴.

No campo, é possível reconhecer a “potência feminista” manifesta quando as mulheres Sem Terra colocam seus corpos em luta frontal contra o capitalismo e seus operadores, fazendo ocupações, resistindo aos despejos, como no caso do Quilombo Campo Grande, mas também quando constroem a resistência a partir da necessidade de cuidar da saúde, do cultivo das ervas medicinais, da realização do autocuidado e das práticas coletivas nos acampamentos e assentamentos. O espaço de encontro proporcionado, por exemplo, pela colheita, se constitui também em espaço de união, de organização dessas mulheres e de troca de seus saberes ancestrais. O que temos são desdobramentos de uma luta constante e a ocupação de brechas com suas ousadias cotidianas em que inventar e nos ensinam formas de vida, como diria Luiz Simas (2019, p. 13) produzindo culturas onde deveria “existir o esforço braçal e a morte silenciosa”.

¹⁴ Força das mulheres na produção de alimentos saudáveis se expressa em mostra de produtos. **MST**. Disponível em: <https://mst.org.br/2020/03/10/forca-das-mulheres-na-producao-de-alimentos-saudaveis-se-expressa-em-mostra-de-produtos/>.

É PRECISO "OLHAR NOS OLHOS DA TRAGÉDIA E FAZER COM QUE ELA SEJA DOMINADA"¹⁵: ALGUMAS CONCLUSÕES

Esse artigo é fruto de uma pandemia e foi escrito dentro dela, a sensação é de querer fazer anotações num pequeno bloco de notas em meio a uma tormenta. São muitos os assuntos possíveis e urgentes neste momento. Optamos por não os recortar de modo mais delimitado, ainda que reconhecendo que poderíamos deixar fios soltos ao longo da tentativa de refletir e escrever em meio a esse tempo trágico e em caminhos tortuosos. Os estudos desse tempo exigem atenção ao fato de que o vírus – SARS-COV-2 – tem gênero, etnia, classe social, raça, código postal e se instala com mais força em alguns grupos.

Ao plantarem e produzirem toneladas de alimentos¹⁶ orgânicos em produção agroecológica e em pequenas famílias nessas e noutras terras reivindicadas por direito devido ao não cumprimento da função social da terra e dignos a um justo projeto de Reforma Agrária Popular, eles e elas, participantes deste movimento social, crianças e mulheres, mostram-nos formas e/ou chances para o planeta, para as populações numa outra ordem de relações sociais e econômicas orientadas por outros eixos que não o capitalismo.

Resta ainda um gosto amargo que fica como se olhássemos e nada fizéssemos em relação às cenas vistas, ao contrário, parece que contribuímos para sua naturalização, em que não acudimos e nos distanciamos na tentativa técnica e metodológica de compreender imagens. E nós, nada? Será que escrever ainda pode ser compreendido como ato solidário? Defendemos, e não sozinhas, que sim. Aliadas a outras, essa é também uma forma de combate que podemos chamar de atos solidários no intento da formação de outra sociedade que não a que nos encontramos, ou, como tem se mostrado, num revide ao vazio em que podemos nos sentir, num misto de nada de sentimentos.

Pensamos: mas esse levante revoltoso ao qual somos instadas e nos motiva e envolve não seria uma capacidade construída quase artesanalmente em que a palavra contribui para disseminar os gestos, as vozes, os olhares das crianças em suas mensagens antes, durante e pós-pandemia? Recorremos novamente a Krenak (2020)

¹⁵ Teatrólogo Vianinha em entrevista (PEIXOTO, 1983).

¹⁶ O MST é o maior produtor de arroz orgânico da América Latina, atua em sete cadeias produtivas de alimentos, sendo eles, arroz, feijão, leite, café, sucos, sementes e mel. Recebeu vários prêmios internacionais por sua atuação e produção sustentável.

para refletir e afirmar com ele que estamos sendo desafiados a dizer qual outro mundo é possível e que desafiemos a todos a dizerem e a fazerem esse outro mundo, e que tenha a justa medida da justiça para todas, todes e todos.

Mencionamos ao iniciar esse artigo que estamos diante e dentro do óbvio das desigualdades sociais, dos embrutecimentos, diante do fim deste mundo, na forma como o criamos e o deixamos seguir, na ponta de um abismo profundo. No entanto, para além de bradar aos quatro cantos que outro mundo é possível, no uso de termos já viciados e esvaziados de sentidos – num nós-nada em expressão do vazio e da atonia – urge tomar o desafio de criar esse outro mundo possível, sem desconsiderar as crianças, ao contrário, considerando-as como força fundamental. Não temos respostas objetivas, infelizmente, mas ao término desta escrita afirmamos: urge olhar nos olhos da tragédia e encará-la firmemente.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, José Fernando Peixoto. **Entre o gatilho e a revolta**: racismo, capitalismo, teatro e a capacidade mimética de um vírus. (Notas de um trabalho para desdobramentos futuros na encruzilhada-Brasil). São Paulo. São Paulo: 2020.

CAMARGOS, Daniel. Em meio à pandemia, sem-terra são despejados e têm escola destruída em MG. **Repórter Brasil**, 13 ago. 2020. Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2020/08/em-meio-a-pandemia-sem-terra-sao-despejados-e-tem-escola-destruida-em-mg/>. Acesso em: 20 ago. 2020.

COMUNICAÇÃO MST. Mulheres Sem Terra constroem resistência na quarentena com apoio e autocuidado. **MST**. Disponível em : <https://mst.org.br/2020/04/24/mulheres-sem-terra-constroem-resistencia-na-quarentena-com-apoio-e-autocuidado/>. Acesso em: 20 ago. 2020.

CORSARO, William. **Sociologia da infância**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante da imagem**. São Paulo: Editora 34, 2015.

DIDI-HEBERMAN, Georges. **Pueblos expuestos, pueblos figurantes**. 1 ed. Buenos Aires, Editora Manantial, 2018.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Levantes**. São Paulo: SESC, 2015b.

DIDI-HUBERMANN, Georges. **Cascas**. São Paulo: Editora 34, 2017.

DINIZ, Cassio. Crianças ajudam a retirar os materiais pedagógicos da Escola Eduardo Galeano. **IHU**, 17 ago. 2020. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/601940-breves-do-facebook-17-08-2020>. Acesso em: 20 ago. 2020.

FEDERICI, Silvia. Na luta para mudar o mundo: Mulheres, Reprodução e Resistência na América Latina. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n. 2, e70010, 2020.

FOLHA DE SÃO PAULO. Ação de despejo em meio à pandemia leva tensão a acampamento sem-terra em MG. **Folha de São Paulo**, versão on-line, ago. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/08/acao-de-despejo-em-meio-a-pandemia-leva-tensao-a-acampamento-sem-terra-em-mg.shtml>. Acesso em: 20 ago. 2020.

GAGO, Veronica. **A potência feminista, ou o desejo de transformar tudo**. São Paulo: Elefante, 2020.

GAITAN MUÑOZ, Lourdes. Redistribuição, reconhecimento e representação: uma leitura de Nancy Fraser com o olhar da infância. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista–Bahia–Brasil, v. 16, n. 40, p. 90-113, jul./set. 2020. Disponível em: <http://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/6887/4799>. Acesso em: 20 ago. 2020.

HARVEY, David. We Need a Collective Response to the Collective Dilemma of Coronavirus. **Jacobin mag.** Disponível em: <https://www.jacobinmag.com/2020/04/david-harvey-coronavirus-pandemic-capital-economy>. Acesso em: 20 ago. 2020.

INGOLD, Tim. O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 21, n. 44, p. 21-36, dez. 2015.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Editora Ateliê Editorial, 2007.

KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Editora Ateliê Editorial, 2009.

KOSSOY, Boris. **Os Tempos da Fotografia**. São Paulo: Editora Ateliê Editorial, 2012.

LEPECKI, André. Movimento na pausa. **ConTactos**, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://contactos.tome.press/movimento-na-pausa/?lang=pt-br>. Acesso em: 20 ago. 2020.

IPEA (INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA). **Ipea propõe medidas de apoio financeiro a famílias de baixa renda durante a pandemia**. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=35406&Itemid=9. Acesso em: 20 ago. 2020.

MBEMBE, Achille. Entrevista concedida a Sylvain Bourmeau. **France Culture**, 25 jan. 2020. Disponível em: <https://racismoambiental.net.br/2020/08/17/brutalismo-do-antropoceno-entrevista-com-achille-mbembe/>. Acesso em: 20 ago. 2020.

MST (MOVIMENTO DOS SEM TERRA). Manifesto das Mulheres Sem Terra, 2020. Disponível em: <https://mst.org.br/2020/03/09/mulheres-sem-terra-um-mar-de-bandeiras-enfurecidas-contra-o-capital/>. Acesso em: 20 ago. 2020.

OLIVEIRA, Wallace. **Despejo do Quilombo Campo Grande é o mais longo do séc. XXI e marca as lutas sociais**. Brasil de Fato, 18 ago. 2020. Disponível em: <https://www.brasildefatomg.com.br/2020/08/18/despejo-do-quilombo-campo-grande-e-o-mais-longo-do-sec-xxi-e-marca-as-lutas-sociais>. Acesso em: 20 ago. 2020.

PEIXOTO, Fernando (org.). **Vianinha**: teatro, televisão, política. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PRADO, Patrícia. **Educação e cultura infantil em creche**: um estudo sobre as brincadeiras de crianças pequenininhas em um CEMEI de Campinas/SP. Dissertação (Mestrado), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

REDE BRASIL ATUAL. Despejo de 450 famílias do quilombo Campo Grande interessa a 'barão do café'. 16 nov. **Rede Brasil Atual**. 2018. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2018/11/despejo-do-quilombo-campo-grande-interessa-a-barao-do-cafe/>. Acesso em: 20 ago. 2020.

ROSSETTO, Edna Araújo. **Essa ciranda não é minha só, ela é de todos nós**: a educação das crianças sem terrinha no MST. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. Ano de Obtenção: 2009.

ROSSETTO, Edna Araújo. **A organização do trabalho pedagógico na ciranda infantil do MST**: lutar e brincar faz parte da escola de vida dos Sem Terrinha. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, 2016.

SAFATLE, Vladimir. **Bem-vindo ao estado suicidário**. Jornal GGN, 25 mar. 2020. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/blog/doney/bem-vindo-ao-estado-suicidario-por-vladimir-safatle-n-1-edicoes/>. Acesso em: 20 ago. 2020.

SIMAS, Luiz Antônio. **O corpo encantado das ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

CRIANÇAS E MULHERES E NÓS-NADA: REFLEXÕES A PARTIR DAS VIDAS EM DESPEJO NO ACAMPAMENTO CAMPO GRANDE DO MST

Reflection on the lives of children and women on evicted from the MT Campo Grande camp

Marcia Aparecida Gobbi

Doutora em Educação

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada

mgobbi@usp.br

<http://orcid.org/0000-0001-9850-0190>

Juliana Diamante Pito

Mestre em Educação

Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação

Núcleo de Educação Infantil Paulistinha, São Paulo, Brasil.

juliana.pito@unifesp.br

<http://orcid.org/0000-0003-0850-4249>

Simone Maria Magalhães Meleán

Mestre em Ciências Sociais – UNESP – Marília

Setor de Educação Estadual do MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra

Endereço de correspondência do principal autor

Marcia Aparecida Gobbi: Rua Tonelero, 265, apto 161, CEP 05056-000 – São Paulo - SP

AGRADECIMENTOS

Não se aplica.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: M. A. Gobbi, J. D. Pito, S. M. m. Meleán

Coleta de dados: M. A. Gobbi, J. D. Pito, S. M. m. Meleán

Análise de dados: M. A. Gobbi, J. D. Pito, S. M. m. Meleán

Discussão dos resultados: M. A. Gobbi, J. D. Pito, S. M. m. Meleán

Revisão e aprovação: M. A. Gobbi, J. D. Pito, S. M. m. Meleán

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

O uso de imagens foi consentido pelo setor de Comunicação do MST, não se aplica a autorização, pois a autora pertence a este movimento social.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica

CONFLITO DE INTERESSES

Informar conflitos de interesse: financeiros, pessoais, entre possíveis revisores e editores, e/ou possíveis vieses temáticos. Se não houver, mencionar: Não se aplica. Para mais informações: https://www.abecbrasil.org.br/arquivos/whitepaper_CSE.pdf

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão e Kátia Agostinho.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 30-09-2020 – Aprovado em: 23-11-2020